

A “RAZÃO ATLÂNTICA” COMO “CONCEITO DE RAZÃO” DE UMA “FILOSOFIA ATLÂNTICA”

Afonso Rocha

Universidade Católica Portuguesa/ Faculdade de Teologia
Rua Diogo de Botelho, 1327, 4169-005 Porto - Portugal
(351) 226 196 200 | comunicacao@porto.ucp.pt

Resumo: Neste nosso texto, dissertaremos sobre a “razão atlântica” no pensamento de António Braz Teixeira.

Palavras-chave: razão, razão atlântica, António Braz Teixeira

Abstract: In this text, we will talk about the "Atlantic reason" in the thought of António Braz Teixeira.

Keywords: reason, Atlantic reason, António Braz Teixeira

É para mim motivo de grande satisfação participar no «*Congresso Internacional - António Braz Teixeira: A obra e o pensamento*», organizado pela Universidade do Porto (FLUP) e pela Universidade Católica Portuguesa (CRP) em parceria com outras Universidades e Institutos Superiores, a ocorrer em Portugal e Brasil.

Assim, sem renunciar ao rigor científico que se lhe impõe, a presente Comunicação também constituirá a minha homenagem pessoal à grande figura que ABT foi no campo do pensamento e da cultura nacionais.

Personagem plurifacetada, ABT destacou-se no desempenho de cargos estatais diversificados, cargos que foram da governação à direcção de instituições de âmbito cultural e empresarial, das finanças públicas à reforma fiscal.

Mas, a nosso ver, ABT ficará para os portugueses sobretudo como mestre que fez discípulos, como homem da cultura nacional, afirmando-a e divulgando-a, e como pensador e filósofo, muito designadamente nos domínios da filosofia luso-brasileira e da filosofia do direito.

Entretanto, para além do legado mencionado, impor-se-á relevar o carácter inovador e corajoso de que a obra de ABT é expressão, quer pelo que respeita à interpretação do pensamento de alguns autores, mormente de Teófilo Braga, de Sampaio Bruno e de António Sérgio, quer pelo que respeita à concepção do “*conceito de razão*” como “**razão atlântica**”, criando condições por via de tal conceito não só para afirmar a existência de uma “**filosofia luso-brasileira**” e mesmo de uma “**filosofia atlântica**”, mas também para nos legar uma obra dotada de unidade e coerência filosófica.

Finalmente, a nível introdutório, faltará dizer duas coisas: primeira, que me foi sugerido que me ocupasse neste Colóquio do conceito de “**razão atlântica**” na obra filosófica de ABT; segunda, que foi em boa hora que aceitei a sugestão, porque, através de tal temática, me terá sido dado reflectir sobre o cerne do pensamento e obra de ABT.

À falta de tempo com que a presente Comunicação se deparava para poder adoptar uma metodologia mais adequada ao objecto que se propõe, qual o de justificar que é por excelência no “*conceito de razão*” como “**razão atlântica**” que radica, quer a unidade e a coerência do pensamento e obra de ABT, quer a razão de se poder afirmar não só a existência de uma “**filosofia luso-brasileira**”, mas mesmo a de uma “**filosofia atlântica**”, optou-se por restringir a abordagem da questão aos pressupostos, aos princípios e aos parâmetros que ABT por excelência faz supor no seu entendimento acerca do “*conceito de razão*” e de “*razão filosófica*”.

Assim, a nível dos pressupostos sob que ABT equaciona o “*conceito de razão*” e de “*razão filosófica*”, tornar-se-á possível constatar que, para o nosso autor,

- «A matriz de qualquer filósofo encontra-se no conceito de razão de que parte a sua reflexão», de sorte que «a primeira e mais essencial diferença entre os vários filósofos e as diversas filosofias radica no conceito de razão de que partem ou em que se fundam»;
- «O “*conceito de razão*” adoptado em Portugal foi “enriquecido na experiência do vasto mundo descoberto e unificado pelos portugueses”, tornando-se por via da gesta dos Descobrimentos em “**razão atlântica**», muito designadamente a nível de Portugal e Brasil;
- Existe uma “complexa e subtil teia de relações que une a reflexão filosófica dos dois países de língua portuguesa”, por virtude da qual se deram determinadas confluências, afinidades e convergências entre a filosofia portuguesa e a filosofia brasileira, nomeadamente no tocante ao carácter teodiceico dos temas adoptados (a ideia de Deus, o problema do mal, as relações entre razão e fé, a saudade...), bem como no tocante às perspectivas concepcionais seguidas pelas filosofias portuguesa e brasileira;
- Atento o facto de se dar entre as duas filosofias a existência de temáticas e de perspectivas filosóficas convergentes e afins, “uma adequada compreensão da filosofia portuguesa e, em certa medida, também de algum do mais relevante pensamento brasileiro, requer um conceito de filosofia e da razão filosófica diversos dos acolhidos pelas correntes da filosofia estrangeira entre nós mais divulgadas e apresentadas como se fossem a única filosofia e toda a filosofia», e isto, porque, para ABT, «a noção de influência é inadequada para a compreensão das realidades do mundo da cultura».

Por sua vez, a nível dos princípios ou parâmetros sob que ABT equaciona o “*conceito de razão*” e a “*filosofia*”, tornar-se-á possível constatar que, para o nosso autor,

- «A filosofia é sempre uma actividade própria da razão e o discurso filosófico é um discurso racional, pois pensar é raciocinar e o raciocínio ou discurso da razão é um encadeamento de juízos, que se exprimem através de proposições, nas quais se ligam dois ou mais conceitos, que se exprimem por termos ou palavras»;
- «(...) Não se pode esquecer ou ignorar que a razão, cujo discurso constitui o pensamento, se não garante a si própria como órgão do conhecimento e do pensamento, dado que a sua actividade pressupõe sempre um duplo acto prévio de crença: a crença na racionalidade ou na unidade do real, unidade que subjaz ou se manifesta na multiplicidade dos seres ou dos entes e dos fenómenos e a crença na capacidade da razão para se apreender a si mesma e para compreender a realidade (...))»;

- «Cumpre (...) ter em conta que a razão não se basta a si própria, tendo a sua actividade sempre como necessário pressuposto ou condição uma intuição intelectual ou uma primordial visão espiritual do invisível, que desencadeia ou impulsiona a sua actividade e a leva a interrogar-se a si e ao mundo, interrogação cuja primeira e mais radical origem é o mistério ou o enigma, no qual e pelo qual o ser e a verdade, simultaneamente, se ocultam e patenteiam ao espírito do homem»;
- «(...) É necessário atender a que toda a posterior [à origem do pensar ou da interrogação filosófica] actividade da razão só é possível com a contribuição da sensação, da intuição e da imaginação e das múltiplas formas da experiência, da experiência pré-categorial até à experiência teórica e prática, da experiência estética e ética até à experiência religiosa, nas quais aquela se apoia e de que constantemente se nutre, no seu dinamismo criacionista de noções, conceitos e relações»;
- «(...) Na origem e no desenvolvimento da actividade filosófica se encontra sempre uma radical e principal relação entre razão e irracional, irracional por excesso e não por defeito, diferente e inconvertível à razão mas que não a contradiz nem a exclui ou contraria, antes a garante e possibilita»;
- O facto de a actividade filosófica ser «indissociável da palavra e da linguagem, sem as quais não é possível o pensamento, explica as assinaláveis e decisivas diferenças que há entre as várias filosofias, pois são consideravelmente distintas as virtualidades ou as capacidades especulativas de que são dotadas as diversas línguas, tornando umas mais aptas do que outras para dilucidar certos conceitos, para analisar determinados sentimentos ou para penetrar ou surpreender mais fundamente algumas zonas, regiões ou modos do real, evidenciando que, se toda a filosofia, enquanto demanda do uno do ser e da verdade e da verdade do ser, é sempre universal, não deixa, também, de ser radicada numa língua, numa tradição e numa concreta e singular vivência e experiência do ser, que, em larga medida, a determinam ou condicionam».

Em suma, atentos os pressupostos, os princípios e os parâmetros mencionados, para ABT, à *“filosofia”*, assistirá,

- Assumir-se como uma “actividade própria da razão”, laborando em consequência num “discurso racional”;
- Consubstanciar um “saber de coração”, englobante da experiência, da sensibilidade, da intuição, da imaginação;
- Abrir-se ao “invisível”, ao “mistério” e ao “irracional”;
- Revestir o carácter de um saber universal, sem ao mesmo tempo deixar de ser um saber “radicado numa língua, numa tradição e numa concreta (...) experiência do ser”.

Assim, será com base no facto de conceber a “*razão filosófica*” e a “*filosofia*” à luz dos pressupostos, dos princípios e dos parâmetros mencionados que ABT não só afirmará a existência de uma “**filosofia luso-brasileira**”, como abrirá para a afirmação da existência de uma “**filosofia atlântica**”¹: por um lado, ele sustentará que a existência de uma “**filosofia luso-brasileira**” se deve ao facto de o “*conceito de razão*” e/ou de “*razão filosófica*” dos portugueses se ter tornado e revelado como “**razão atlântica**” no espaço geográfico e cultural dos povos e países das “duas margens do Oceano lusíada”, e isto, por acção do processo de aculturação que os Descobrimentos empreendidos pelos portugueses incrementaram e desenvolveram a nível dos povos e países “descobertos” e “unificados”; por outro lado, ele sustentará que o “*conceito de razão*” e/ou de “*razão filosófica*” portuguesa como “**razão atlântica**” terá tido origem no Porto e nos pensadores portuenses, encontrando desde logo especiais condições de afirmação e manifestação, quer em Portugal, a nível da Faculdade de Letras do Porto e da Faculdade de Filosofia de Braga, quer no Brasil (sobretudo em São Paulo), graças ao que se tornará possível o surgimento de uma filosofia de temáticas e perspectivas concepcionais afins em tais contextos geoculturais.

A comprovar explicitamente o entendimento do “*conceito de razão*” e/ou de “*razão filosófica*” como “**razão atlântica**”, aí está o facto de ABT não só afirmar formalmente que, com a realização do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia [Braga, 1981], o “problema da Filosofia portuguesa” se ampliou e se converteu no problema da “**filosofia luso-brasileira**”, como fazer mesmo supor que, com tal subsumção, também se ficará sem mais obrigado a abandonar os termos em que Álvaro Ribeiro formulara em 1943 o problema da filosofia portuguesa.

¹ Pensamos que não será de se ficar por conotar o conceito de “**razão atlântica**” e de “**filosofia atlântica**” tão-só com a “**filosofia luso-brasileira**”, já que é o próprio ABT que, nos estudos que vem fazendo em relação à realidade cultural e/ou filosófica de outros países de expressão portuguesa, - estudos que ele já empreendeu (e em vias de publicação) pelo menos em relação aos povos e países de Cabo Verde, Angola e Moçambique -, vem comprovando que o conceito de “**razão atlântica**” parece estar também na base de pelo menos algumas importantes concepções filosófico-culturais que os povos e países mencionados (Cabo Verde, Angola e Moçambique) fazem supor nomeadamente a nível da poesia, concepções que, segundo o autor, também não poderão deixar de ter a ver com a existência, a nível de tais povos e países de expressão portuguesa, de uma filosofia própria e específica, por um lado, afim da que se dá a nível de Portugal e Brasil e que ABT designa por “*filosofia luso-brasileira*”, e, por outro lado, susceptível de consubstanciar uma filosofia em que o “*conceito de razão*”, à imagem do que ABT considera que se dá em relação à “*filosofia luso-brasileira*”, configura corresponder ao de “**razão atlântica**”, podendo-se em consequência, a nosso ver, afirmar a existência de uma filosofia manifestamente consonante e convergente com a “*filosofia luso-brasileira*” a nível da globalidade dos países e/ou povos de expressão portuguesa, filosofia que, por nossa parte, entendemos interpretar e designar como “**filosofia atlântica**”.

Bom, mas com um tal posicionamento filosófico e pessoal, quer em relação ao “conceito de razão” e/ou de “razão filosófica”, quer em relação à chamada “Filosofia portuguesa”, ABT, então, também não poderá deixar de fazer supor e/ou consagrar, e com clareza, o seguinte: em primeiro lugar, que os fundamentos do “conceito de razão” e/ou de “razão filosófica” pressupostos pelos povos e países das “duas margens do Oceano lusíada” terão a ver com a especificidade da “língua” que estes povos e países adoptam (a “língua portuguesa”); em segundo lugar, que tanto se imporá equacionar o “conceito de razão” e/ou de “razão filosófica” dos povos e países das “duas margens do Oceano lusíada [incluída a Galiza]” em termos de “razão atlântica”, como se imporá equacionar a filosofia de tais povos e países em termos de uma “filosofia atlântica”, uma filosofia tão aberta e moderna como nacional e universal; em terceiro lugar, que ABT, como pensador e filósofo, não será enquadrável no âmbito da mera concepção sob que Álvaro Ribeiro, António Quadros, Dalila L. Pereira da Costa ou Pinharanda Gomes concebem e afirmam a filosofia portuguesa, qual a da chamada “Filosofia portuguesa”, e isto, a nosso ver, fundamentalmente, por duas grandes ordens de razão: por um lado, porque o próprio ABT, muito designadamente através da interpretação do Congresso de Braga em 1981 e através de escritos de 2000 e 2002, fará questão de veicular e consagrar como “conceito de razão” e/ou “razão filosófica” e/ou de “filosofia” dos povos e países das “duas margens do Oceano lusíada [incluída a Galiza]”, respectivamente, os conceitos de “razão atlântica”; por outro lado, porque ABT será inequívoco em toda a sua obra e pensamento no que concerne a fazer prova, quer de conceber a “filosofia” em termos de um saber de teor “universal”, ainda que sem abdicar do seu carácter “radicado” e “situado”, quer de equacionar a “filosofia” em termos de um saber essencialmente “racional” e não em termos de um saber “gnóstico” (filosófico-teológico), quer de se revelar alheio à interpretação da história de Portugal e dos portugueses com base num messianismo de “destino divino”.

Bibliografia

- BRAZ TEIXEIRA, A. - *Deus, o Mal e a Saudade*. Lisboa: Fundação Lusíada, 1993.
- BRAZ TEIXEIRA, A. - *Ética, Filosofia e Religião - Estudos sobre o pensamento português, galego e brasileiro*. Évora: Pendor, 1997.
- BRAZ TEIXEIRA, A. - *Formas e Percursos da Razão Atlântica: Estudos da Filosofia Luso-Brasileira*. Londrina: UEL, 2001.
- BRAZ TEIXEIRA, A. - *Do “Saber do Coração” à Razão Atlântica*, in «*Actas do Colóquio “A Geografia dos Descobrimientos Portugueses”*». Lisboa: Fundação Lusíada, 2001.

- BRAZ TEIXEIRA, A. - *Caminhos e Figuras da Filosofia do Direito Luso-Brasileira*. 2.^a edição, ampliada. Lisboa: Novo Imbondeiro Editores, 2002.
- BRAZ TEIXEIRA, A. - *Diálogos e Perfis*. Lisboa: Europress - Editores e Distribuidores de Publicações, Lda, 2006.
- BRAZ TEIXEIRA, A. - *O essencial sobre A Filosofia Portuguesa (Sécs. XIX e XX)*. Lisboa: INCM, 2008.
- BRAZ TEIXEIRA, A. - *A Experiência Reflexiva - Estudos sobre o Pensamento Luso-Brasileiro*. Lisboa: Zéfiro - Edições e Actividades Culturais, 2009.
- BRAZ TEIXEIRA, A. - *A Filosofia da Escola Bracarense*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP - Braga, 2010.
- BRAZ TEIXEIRA, A. - *A "Escola de São Paulo"*. Lisboa: MIL: Movimento Internacional Lusófono e DG Edições, 2016.
- BRAZ TEIXEIRA, A. - *Da Filosofia Portuguesa*, in «*Revista Espiral*», n.º 4-5, Inverno 1964-1965.
- BRAZ TEIXEIRA, A. - *Prefácio*, in «PAIM, A. - *As Filosofias Nacionais*». Brasil: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1997.
- *Convergências & Afinidades - Homenagem a António Braz Teixeira*. Lisboa: Edição do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e do Centro de Estudos de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa), 2008.
- CALAFATE, P. - *Discurso proferido na Reitoria da Universidade de Lisboa*, in «*Convergências & Afinidades - Homenagem a António Braz Teixeira*». Lisboa: Edição do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e do Centro de Estudos de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa), 2008.
- FERREIRA, J. - *Fundamentação Geral do Problema da Filosofia Portuguesa*, in «*Itinerarium*», 1957; 1961; 1995.
- MARCONDES CÉSAR, C. - *O conceito de "razão atlântica" em António Braz Teixeira*, in «*Convergências & Afinidades - Homenagem a António Braz Teixeira*». Lisboa: Edição do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e do Centro de Estudos de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa), 2008.
- PAIM, A. - *O projecto filosófico de António Braz Teixeira*, in «*Convergências & Afinidades - Homenagem a António Braz Teixeira*». Lisboa: Edição do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e do Centro de Estudos de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa), 2008.
- PAIM, A. - *As Filosofias Nacionais*. Brasil: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1997.
- REAL, M. - *António Braz Teixeira - a Razão Atlântica*, in «*Convergências & Afinidades - Homenagem a António Braz Teixeira*». Lisboa: Edição do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e do Centro de Estudos de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa), 2008.
- RIBEIRO, Á. - *O Problema da Filosofia Portuguesa*. Lisboa: Ed. Inquérito, 1943.
- ROCHA, A. - *Aproximação à "Filosofia Portuguesa": a perspectiva de A. Braz Teixeira*, in «*Convergências & Afinidades - Homenagem a António Braz Teixeira*». Lisboa: Edição do Centro de Filosofia da

Universidade de Lisboa e do Centro de Estudos de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa), 2008.

- ROCHA, A. - *Natureza, Razão e Mistério - Para uma leitura comparada de Sampaio (Bruno)*. Lisboa: INCM, 2009.